



## **“Reflexões sobre o efeito da pandemia do Coronavírus no Jornalismo, na Democracia e no comportamento das pessoas na sociedade contemporânea”**

**Aidil Soares Navarro**  
**UFP – Universidade Fernando Pessoa**  
**Email [aidil@abrangeursos.com.br](mailto:aidil@abrangeursos.com.br)**

O principal objetivo deste artigo é discutir as estratégias midiáticas de difusão da informação jornalística veiculada ao público nos meios de comunicação da sociedade contemporânea destacando sua importância para a democracia num momento em que seu *modus operandi* foi afetado por causa da pandemia global do Coronavírus. Além disso, procura-se evidenciar que sem a ação do jornalismo e dos jornalistas as pessoas, que agora interagem de outras formas, ficariam desinformadas em relação à realidade em seu entorno tanto em nível nacional quanto internacional, nesse sentido a mídia pode ser considerada como uma ferramenta essencial e *conditio qua non* para a manutenção e a sedimentação da democracia. Por fim, o artigo propõe uma reflexão acerca das relações éticas entre a pandemia do Coronavírus nas pesquisas em jornalismo democrático - poderosa arma a serviço do interesse do povo.

1

Palavras-chave: 1. **Pandemia**. 2. **Democracia**. 3. **Jornalismo**. 4. **Informação**. 5. **Sociedade**.

### **1. Jornalismo e democracia na luta contra o Coronavírus**

A *priori*, faz-se necessário algumas considerações gerais acerca do jornalismo/notícia e sua forma de produção em uma sociedade democrática onde todos têm direito à informação. A

---

<sup>1</sup> Pedagoga. Licenciada em História. Mestre em Língua Portuguesa pela (PUC/SP). Membro do Grupo ERA- Estudos Retóricos Argumentativos. Atualmente Doutoranda em Ciência da Informação-Jornalismo e Estudos Mediáticos na UFP-Universidade Fernando Pessoa/PT. Email:[aidil@abrangeursos.com.br](mailto:aidil@abrangeursos.com.br)

produção e recepção dos sentidos midiáticos do jornal interferem nos hábitos de informação do sujeito além de ser responsável pela modificação do fazer e do agir do cidadão ou da cidadã que com ele interage em busca daquilo que considera como relevância social tanto para sua informação quanto para a sua formação pessoal. Os meios de abordagem dos sentidos midiáticos do jornal são complexos e variados, atinge praticamente todos os setores da sociedade em que há a atividade humana: sociologia, antropologia, economia, lazer e entretenimento, política, filosofia, estudos culturais, entre muitos outros. A matéria-prima de que se constitui o jornalismo é a notícia e dir-se-ia que se não houvesse notícia para ser veiculada o jornal perderia sua razão de ser, visto que sua sobrevivência depende exclusivamente deste ingrediente: a construção da notícia dentro de um determinado espaço social. “O espaço social é uma realidade empírica compósita, não homogênea, que depende, para sua significação, do olhar lançado sobre ele pelos diferentes atores sociais, através dos discursos para tentar torná-lo inteligível” (Charaudeau, 2018, p. 131).

O Jornalismo teve e continua tendo grande importância na tarefa de informação e comunicação acerca da pandemia do Coronavírus, uma vez que esta enfermidade epidêmica amplamente disseminada continua ainda em curso. A pandemia se espalhou pelo mundo inteiro e atingiu, em menor ou maior intensidade, um grande número de pessoas. O povo, assustado e desinformado, ante este novo tipo de gripe ainda sem vacina específica para controlar e imunizar seu organismo e, sobretudo sem ter o conhecimento do que era a doença e o que ela poderia causar ao seu corpo teve uma ajuda indispensável e eficaz do jornalismo e dos jornalistas. As mídias escrita e falada se encarregaram de orientá-lo e informá-lo diariamente com notícias inéditas e importantes a respeito do vírus bem como das estratégias pessoais e coletivas para evitar sua maior proliferação, o que em muitos países, como a China por exemplo, deu muito certo. Sob esta perspectiva, a mídia jornal com sua intenção de informar e formar a opinião pública, influenciou, e continua influenciando, a população leitora e telespectadora, nestes átomos e proliferação, a fim de conscientizá-la a como lidar com o problema que aflige a todos.

Com a democratização da notícia por meio do jornalismo constatou-se que, independente da ideologia propagada por quaisquer que sejam os tipos de meio de comunicação

jornalístico, sejam eles orais/eletrônicos ou escritos, as pessoas sofrem influências das notícias sobre elas, ainda que positivas ou negativas. Estas informações recebidas pelo leitor e telespectador fazem parte de seu processo de comunicação e expressão com os membros da sociedade com os quais convivem no seu cotidiano. Disso decorre uma observação relevante, já está comprovado que a falta da informação escrita ou eletrônica causa frustração nos leitores/espectadores porque ela já faz parte do *modus operandi* e *modus vivendi* e desempenham funções importantes em suas vidas. Para Bordenave (1997, 19-20) afirma:

No caso do jornal, além das funções de tipo ‘racional’, como a provisão de informação (notícias, anúncios, etc.), o jornal satisfaz necessidades não-racionais, como o fornecimento de contatos sociais, e, indiretamente, de prestígio social. (...) Para muitos leitores e telespectadores os meios também respondem a suas aspirações de mobilidade social

A comunicação e a informação jornalística, quaisquer que sejam suas modalidades e formas de expressão (impressa, eletrônica, virtual entre outros formatos) consegue atingir grande número de pessoas por causa da democracia (poder do povo) que permite a difusão de fatos e/ou acontecimentos de interesse de toda a sociedade como forma de liberdade de expressão. Assim, a narrativa jornalística tem muita relevância para a população, porque ela oferece ferramentas para que as pessoas se tornem cômnicos de seus direitos e deveres na sociedade. No caso da pandemia do Coronavírus a democracia, assegurou e continua assegurando nesses momentos de disseminação da doença, o direito à informação para que de alguma forma os cidadãos e cidadãs se beneficie desse bem. Para Gómez e Lima (2010, p. 7), “as sociedades contemporâneas têm no conhecimento, na comunicação e na informação, mais que nunca, os princípios definidores de suas realizações científicas e educacionais, de seus ciclos produtivos e, especialmente, de sua qualidade de vida e bem-estar”.

Quanto à questão da disseminação do Coronavírus, a democracia, ao promover o livre acesso à comunicação e informação, propicia uma interação *sui generis* entre as populações e os meios de comunicação, mais especificamente a mídia jornal, seja no seu formato impresso seja no eletrônico, com suas peculiaridades, permitiu às pessoas antever e até evitar problemas inerentes à pandemia. Sob este prisma o jornalismo constitui de fato um

dos meios mais eficazes para a construção da democracia e, sobretudo, para a aquisição de direitos à cidadania no meio social. Como há uma relação direta entre o jornalismo, a democracia e a cidadania de fato o jornalismo “deve ser um veículo de informação para equipar cidadãos com ferramentas vitais ao exercício dos seus direitos e voz na expressão de suas preocupações” (Traquina, 2012, p. 130-131).

## **2. Estratégias midiáticas de difusão da informação jornalística ante a pandemia do Coronavírus**

O surgimento da pandemia do Coronavírus obrigou os governos municipais, estaduais, federais, nacionais e internacionais a criarem e, sobretudo, adotarem estratégias próprias para evitar a propagação e disseminação da nova doença que surgiu primeiramente na China onde a mídia veiculou o surgimento dos primeiros casos, se espalhando depois pelo mundo até atingir o Brasil em meados de fevereiro e março do mesmo ano. “Dezembro de 2019 se tornou um marco importante para a história recente da humanidade. Foi quando a China registrou os primeiros casos de Covid-19. A doença se espalhou rapidamente pelo mundo causando modificações gradativas e profundas no cotidiano da população mundial”. Uma das formas e/ou medidas encontradas pelas autoridades governamentais mundiais bem como pela OMS – Organização Mundial da Saúde –, para evitar a disseminação e proliferação do Coronavírus, foi o isolamento social, a quarentena, o uso de máscaras, o fechamento de empresas comerciais com atividades econômicas não-essenciais, entre outras iniciativas semelhantes para a minimização e contenção da doença. As mídias impressa e digital no processo de informação, comunicação e conhecimento de tudo aquilo ligado à pandemia do Coronavírus tiveram que se reinventar para dar conta da tarefa de deixar o povo amplamente informado acerca da pandemia.

De fato, o jornalismo profissional ganhou força e notoriedade na cobertura diária da Covid-19 o que propiciou levar aos leitores e telespectadores diferentes formatos de informação (reportagens, entrevistas com especialistas, autoridades médicas, setores do governo, dados gráficos do crescimento exponencial da enfermidade, comunicados diários, programas de prevenção e de aconselhamento, por exemplo). Sabe-se que com esta estratégia de levar a

informação confiável o jornalismo tanto impresso quanto digital, conseguiu atingir picos de audiência altíssimos perante a população ansiosa por estar bem-informada. Assim, independentemente da ideologia que carrega sempre consigo, o que, aliás, é a sua marca registrada “falar em Jornalismo, escrevê-lo e criticá-lo nunca é pisar no excessivo e no demasiado. É conduzi-lo pelo caminho da reflexão, onde ele se depura e se faz melhor, mais significativo, para cumprir a sua missão de atender à necessidade social de informação” (Cruz; Hermes, 2017, p. 5). Contudo, o jornalismo e os jornalistas ofereceram muito mais do que apenas atender a necessidade de informação social.

Na cobertura democrática da informação sobre o Coronavírus, a grande preocupação das mídias jornal em ensinar para a população práticas higiênicas para a preservação de sua saúde e cuidados pessoais e/ou coletivos para não se infectar. Entre essas práticas, sem espaços para dúvidas, a mais significativas, de fato, foram o forte incentivo para uso correto e necessário de máscaras de proteção (em alguns locais obrigatório sob o risco de pagar multa em caso de desobediência), a maneira correta de lavar as mãos, o uso de álcool, a indicação e a notificação de testes, vacinas em estudos, a importância do isolamento/quarentena, entre inúmeros informes relevantes para a população. Quanto à questão da quarentena e do isolamento social, pode-se dizer que o jornalismo ajudou a população a se conscientizar a respeito dessa necessidade premente para se evitar o crescimento e a maior disseminação do Coronavírus.

A informação e a comunicação como meio de obtenção do conhecimento pertinente a alguma coisa exige seriedade, principalmente, nestes tempos de *fake-news* onde há o retrocesso no tocante à difusão da informação e a comunicação. Assim, quando se pensa a respeito da importância da informação e da comunicação em tempos de Coronavírus, enquanto estratégias da promoção da saúde, de fato, logo se imagina que além da informação faz-se necessário a comunicação eficaz a fim de que seus efeitos sejam realmente significativos coletivamente e que contribua para a modificação do comportamento das pessoas. Porque, “como objeto científico com status próprio, deveria ficar claro que o jornalismo possibilita a fundação de um campo de conhecimento especializado que tendo na prática jornalística um objeto legítimo necessita para a sua plena compreensão o desenvolvimento de metodologias próprias, adaptadas as suas demandas

particulares” (Machado, 2004, p. 2-3). Enfim, a informação deve atender aos apelos e necessidades das pessoas enquanto receptores das mensagens recebidas. Nesse sentido, para Sousa (2006), p. 56) aponta para uma necessidade da comunicação/informação:

Necessidade de levar as pessoas a reparar numa mensagem, a seleccioná-la e a consumi-la, o que pode tornar-se difícil, pois os receptores são activos, podendo escolher entre as muitas mensagens que competem pela sua atenção. Em última instância, o consumidor pode até ir fazer qualquer outra coisa, se as mensagens disponíveis não satisfizerem o seu sistema de expectativas nem atraírem a sua atenção

Por fim, as empresas jornalísticas como prestadora de serviços e dependendo exclusivamente da atuação de seus repórteres, jornalistas, cinegrafistas entre outros participantes do processo de produção da notícia, além de informar a população acerca dos cuidados a serem tomados com relação à pandemia do Coronavírus, fazem também sua parte em relação aos seus colaboradores. Na linha de frente em busca do “furo” jornalístico os repórteres com seus cinegrafistas e equipe de produção seguem todos os protocolos que as autoridades médicas lhes impõem: procuram manter o distanciamento exigido entre as pessoas, estão munidos de máscaras e vários equipamentos de proteção pessoal como medida preventiva e de precaução contra a infecção por Coronavírus.

Assim, a observação *in loco* permitiu visualizar pelos meios de comunicação jornalística que os jornalistas não foram impedidos (o que representa um sinal de + em termos de democracia) de circularem por todos os locais durante a quarentena, o isolamento, o *lockdown*, entre outras medidas restritivas de movimentação e circulação. O jornalismo, como fonte dinâmica de participação na informação e divulgação do problema da pandemia, foi obrigado pela força das necessidades de inovação a se adaptar e essa nova forma de participação. “Apesar de a participação ser uma necessidade básica, o homem não nasce sabendo participar. A participação é uma habilidade que se aprende e aperfeiçoa” (Bordenave, 1994, p. 46).

### 3. Novas formas de interação em tempos de pandemia

Sabe-se que o jornal é uma mídia de informação e de comunicação capaz de influenciar no processo de formação de ideias e pensamentos de seus leitores, especialmente, quando ele fornece-lhes aquilo que eles procuram: o alimento para o seu “espírito”, isto é, quando oferece-lhes algo que seja bom e útil capaz de causar neles transformações. O jornalismo com seu serviço de informação acompanhou estas transformações e interagiu com o público leitor/telespectador desde o surgimento da pandemia do Coronavírus que provocou mudanças profundas no comportamento das pessoas de forma que elas todas, sem distinção alguma (cor de pele, religião, condição socioeconômica, *status quo*, etnia, sexo e opção sexual, grau de escolaridade etc.), súbito, se viram obrigadas a mudar seus hábitos pessoais a fim de se adaptar à nova forma de interação um com o outro após a irrupção do Coronavírus. Uma dessas transformações de comportamento foi o uso obrigatório de máscaras faciais em todos os locais em que há circulação ou movimentação de pessoas para se proteger preventivamente contra a disseminação do vírus uma vez que uma das formas mais comuns de contaminação da doença se dá através do ar por meio do contato entre uma pessoa e outra.

Nessa nova forma de interação que já está se tornando *um modus vivendi* e *modus operandi* comportamentalista indiscriminado as pessoas, que metaforicamente sempre usaram máscaras sociais, que é uma forma como elas se apresentam na sociedade de acordo com o papel que representam (no falar, no agir, no vestir-se, no posicionar ante outras pessoas, na postura corporal), sejam elas jornalistas, médicos, professores e população em geral, tiveram que se adaptar ao novo adorno/acessório, o que, de fato, acabou por interferir diretamente no processo de comunicação e expressão, em especial, a expressão facial que revela o sentimento, a emoção e o pensamento das pessoas. Sob o ponto de vista da Semiótica o corpo fala. Assim, os gestos faciais bem como certas expressões corporais revelam uma forma de comunicação intersubjetiva com tonalidade emocional e afetiva. Essa nova forma de interação entre as pessoas no meio social com efeito será diferente futuramente. Quanto a essa mudança de comportamento, para Casaletti (2020, p. H1):

Quando, no futuro, a humanidade for lembrar imagens de 2020, a máscara estará presente em fotos de família, vídeos e arquivos de televisão. A máscara virou item obrigatório – e importante medida de prevenção contra a propagação do novo Coronavírus – em escritórios, shoppings, escolas, universidades, parques, equipamentos culturais. (...) Agora com o acessório completo obrigatório, haverá mais uma chamada, que vai encobrir nossas expressões e poderá separar as pessoas em novos grupos... A máscara poderá virar norma social ou um código de conduta. Mostra a responsabilidade e empatia com o outro, o cuidar de quem está ao seu redor.

Por outro lado, não é uma imprudência a afirmação de que o uso da máscara como nova forma interação entre as pessoas pode, do ponto de vista da eficiência linguística, causar um déficit comunicacional e isso acontece porque enquanto se fala todos, em maior ou menor intensidade, tende a tocar o rosto como uma forma de associação entre aquilo que está dizendo por meio de gestos faciais. Agora, estes gestos faciais ficam escondidos impedindo assim semioticamente falando a omissão da mensagem contida no gesto. As autoridades médicas pedem às pessoas, que evitem o toque no rosto em especial a boca para prevenir-se contra a infecção por Coronavírus. Com isso, as pessoas necessitam usar mais a linguagem oral e falar mais altissonantemente o que antes ficava subentendido implicitamente pelo gesto. Nesse sentido, o próprio processo de comunicação mais assertivo (leitura dos lábios e expressões faciais) fica comprometido. Assim, “a boca nosso contato do mundo interno com o externo, terá uma barreira. Por isso, as pessoas precisarão fazer um esforço extra para se expressar de forma mais clara, tornar a comunicação mais acessível ao outro e ser mais receptivo” (Caseletti, 2020).

A mudança de comportamento ocorrerá da mesma forma no modo como as pessoas lidam com a moderna tecnologia sobretudo no trabalho uma vez que com o surgimento do problema do Coronavírus, de um modo geral, as atividades profissionais presenciais deram lugar às atividades profissionais remoto/digitais da *internet*, o que pode, inclusive, tornar-se uma prática mais comum e rotineira no âmbito muitas organizações empresariais de todos setores da economia (primário, secundário e terciário). Pode-se tornar-se a regra em detrimento da exceção. Destarte, se a *internet* já era uma forma virtual de esfriar o relacionamento interpessoal, a conversação frente-a-frente, com o surgimento do Coronavírus e os novos “protocolos” a serem obedecidos há uma forte predisposição da aceleração mais deste processo que originou um distanciamento afetivo/emocional entre as



pessoas. “Se o distanciamento se prolongar por muito mais tempo, a internet será o lugar de socialização para muitos e isso pode acelerar um processo que já existia” (Casaletti, 2020). Isso, não só causará um esfriamento das relações sociais e, provavelmente, os espaços públicos se tornarão área de pouca interação naquilo que se refere à comunicação social.

#### **4. Reflexão sobre as relações entre a pandemia do Coronavírus e a pesquisa em Jornalismo**

Ao se refletir acerca das relações entre a pandemia do Coronavírus e a pesquisa em jornalismo no âmbito das sociedades democráticas que permitem a liberdade de expressão e difusão da informação como meio de conhecimento público, percebe-se a necessidade do jornalismo se adaptar aos novos tempos bem como às suas vicissitudes. É possível afirmar que com a chegada do Coronavírus o Jornalismo passou a enfrentar um de seus maiores desafios: saber onde encontrar a notícia/informação digna de crédito e de confiabilidade assim como o diálogo com as várias áreas que estão ligadas direta ou indiretamente ao setor de saúde, em especial, a de comunicação voltadas ao jornalismo e a publicidade e propaganda ideológica. Quanto a esta última Garcia (1982, p. 12), afirma que “por toda parte e em todos os momentos são propagadas ideias que interferem na opinião das pessoas sem que elas se apercebam disso. Desse modo, são levadas a agir de uma outra forma que lhes é imposta, mas que parece por elas escolhida livremente”. A publicidade/propaganda atrelada ao jornalismo contribui para o processo de formação de opinião das pessoas, ainda que muitas vezes elas não se deem conta disso.

Apesar da necessidade de reinvenção do jornalismo para sua adaptação a esses novos tempos, é possível observar nos meios de comunicação eletrônicos de difusão da notícia/informação, que o jornalismo e os jornalistas já desenvolvem algumas atividades importantes de caráter abrangente de forma a atingir cada vez mais pessoas. Entre essas práticas estão as tão conhecidas “lives”, as conferências, as teleconferências, as entrevistas ao vivo, os diversos de canais de interação, as publicações diárias entre muitas outras iniciativas importantes. Além disso, as interfaces digitais (*WhatsApp, Tweeter, Websites, Blogs* etc.) utilizadas pelas empresas jornalísticas como estrutura de produção do

jornalismo de fonte aberta responde bem a esta exigência de modernização na sociedade contemporaneidade.

As interfaces jornalísticas atendem ao clamor do leitor/telespectador por outras formas de informação, outros campos de convergência. Para Jenkins (2009, p. 30) “a convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos. A convergência pode ser encarada como o resultado dos anseios do consumidor moderno”. Como o público leitor/telespectador está cada vez mais exigente e requerendo estar cada vez mais informado acerca do que acontece ao seu entorno, principalmente notícias ligadas ao problema do Coronavírus, urge que o jornalismo, responda a este reclamo para manter sua credibilidade e audiência.

Com efeito, por meio da liberdade democrática de acesso ao que acontece no mundo em todas as esferas das atividades humanísticas, o direito do público à informação torna-se uma responsabilidade do jornalismo e, mais especificamente, dos jornalistas. Comentando acerca da declaração dos deveres e direitos os jornalistas, adotada em Munique em 1971, Cornu (1998, p. 45) afirma que:

A liberdade de expressão e crítica é uma das liberdades fundamentais de todo ser humano. Desse princípio decorre o direito do público de ‘conhecer os fatos e opiniões’, que legitima a atividade jornalística na sociedade e do qual, por sua vez, decorrem os deveres e direitos do profissional. É por isso que a responsabilidade dos jornalistas junto ao público é considerada pelo preâmbulo como o ‘primeiro dever’ com relação aos empregadores e poderes públicos.

Sobre liberdade de expressão e crítica cumpre informar que ela é prevista na Carta Magna brasileira, por exemplo, que regula os direitos e os deveres do cidadão em relação ao Estado. Vejamos o que diz o art. 5º, inciso IV, de nossa Carta Magna: “é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato. Ademais cumpre da mesma forma advertir que a liberdade de expressão encontra seu ponto de maior expressividade graças ao exercício pleno da democracia como meio de materializar esta determinação prevista em lei ordinário”.

Conclusivamente, ao tratar das questões sobre o efeito da pandemia no jornalismo da sociedade contemporânea ancoradas na democracia é importante ter em mente que “democracia não é dogma nem bula de remédio; é algo por fazer-se, por realizar-se e, como tal, será mais concreta para os mais realistas, mais utópica para os mais idealistas, mas sempre uma questão política e social” (Costa, 2001, p. 88).

Por outro lado, a reflexão sobre as relações entre a pandemia do Coronavírus e a pesquisa em jornalismo converge para um ponto importante: a questão da ética da informação. Devido a problemas que surgiram, principalmente nos meios eletrônicos de difusão da informação que, em vez de informar o leitor/telespectador, o desinforma, e o que é muito pior, o leva a ter uma opinião errada acerca de um determinado assunto a que teve acesso, exemplo: as inusitadas *fake news*. A matéria-prima do jornalismo, de fato, é a informação que se apresenta sob forma de notícia em toda a sua complexidade de gêneros e extensão.

Axiomaticamente, como é notório, o jornalismo como meio de comunicação com efeito atinge um amplo campo de comunidades por causa da variedade de seus conteúdos assim como de suas funções convergentemente sociais cuja principal intenção é a de informar os leitores/telespectadores acerca de coisas, fatos e/ou acontecimentos que sejam significativos para eles em sua vida diária onde quer que eles estejam. Quando os fatos e acontecimentos dão margem às falácias, ao engano e a mentira, certamente a ética da informação jornalística fica marcada por um sinal de menos (-) em toda a sua conjuntura. Para Cornu (1998, p. 10):

De acordo com a tradição anglo-saxã, a apreensão da ética pode ser submetida a três níveis de análise. O primeiro nível, descritivo, diz respeito à análise sociográfica e histórica das regras morais, no que possuem em comum e naquilo em que diferem de uma sociedade para outra, de uma época a outra. O segundo nível, normativo, pertence à filosofia moral, e procura determinar em que consiste o Bem e o Mal, o Justo e o Perfeito, e procura estabelecer deveres e direitos. O terceiro nível, meta-ética, baseia-se numa ética reflexiva que pensa, as questões epistemológicas, lógicas ou semânticas aos dois níveis anteriores e, de outro lado, ultrapassando o aspecto da crítica formal do discurso moral, sobre a legitimidade das normas e das práticas.

Por fim, a informação jornalística, em maior ou menor grau de intensidade, se reporta a estes níveis de que fala Cornu (1998): a descritiva, a normativa, a meta-ética. Porque o jornalismo do ponto de vista descritivo, deve estar afinado com as questões sociográficas/históricas. No tocante à questão da normatividade, deve o jornalismo/jornalista ter consciência de que a informação que veiculam publicamente tem dupla face, isto é, seu conteúdo pode levar à prática do Bem ou do Mal, àquilo que é tido como Justo ou Injusto. Por fim, ele tem uma função meta-ética na medida em que precisa estar afinado com o diapasão da legitimidade das normas e das práticas.

## Referências

Bordenave, Juan E. Diaz. **O que é participação**. 8 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. **O que é comunicação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997.

Brasil. [**Constituição (1988)**]. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988

Casaletti, Danilo. **Comunicação em um mundo com máscaras**. Especialistas analisam novas formas de interação. O Estado de São Paulo, São Paulo, 18 jun. 2020, Caderno da quarentena, p. H1.

Charaudeau, Patrick. (2018). **Discurso das mídias**. São Paulo: Editora Contexto.

Cornu, Daniel. **Ética e informação**. Tradução de Laureano Pelegrin. São Paulo/Bauru: EDUSC – Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1998.

Costa, Maria Cristina Castilho. **O que todo cidadão precisa saber sobre democracia**. 4 ed. São Paulo: Global, 2001.

Cruz, Fábio; Hermes, Gilmar. (org.). **Jornalismo: teoria e prática – abordagens culturais, interfaces e meios** [recurso eletrônico]. Santa Cruz do Sul/RS: Catarse, 2017. Disponível em [http://www.editoracatarse.com.br/site/wpcontent/uploads/2017/07/Jornalismo\\_teor%C3%A1tica\\_Abordagens\\_culturais\\_interfaces\\_e\\_meios.pdf](http://www.editoracatarse.com.br/site/wpcontent/uploads/2017/07/Jornalismo_teor%C3%A1tica_Abordagens_culturais_interfaces_e_meios.pdf). Data da consulta: 24.06.20.

Garcia, Nelson Jahr. **O que é propaganda ideológica**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

Gómez, Maria Nélide González de; Lima, Clóvis Ricardo Montenegro de. **Informação e democracia: a reflexão contemporânea da ética e da política** [orgs.]. Brasília: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 2010.

Goyard-Fabre, Simone. **O que é democracia?** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Machado, E. **Dos estudos sobre o jornalismo às teorias do jornalismo**. São Paulo: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2004.

Sousa, Américo. **A persuasão**. Portugal: Serviços Gráficos da Universidade da Beira Interior, 2001.

Sousa, Jorge Pedro. **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media**. 2 ed. revista e ampliada. Porto: 2006.

Traquina, Nelson. **Teorias do jornalismo. Porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2012.